# HISTORIOGRAFIA E GEOGRAFIA CULTURAL: NA COMPREENSÃO DA CULTURA SULISTA EM JATAÍ

*HISTORIOGRAPHY AND CULTURAL GEOGRAPHY: TOWARDS AN UNDERSTANDING OF SOUTHERN CULTURE IN JATAÍ*

**Maria Elisabeth Alves Mesquita Soares**[1]

**Marliane Dias Silva**[2]

DOI: https://doi.org/10.46550/ilustracao.v7i10.877 Aceito em: 29.09.2026

**Resumo**: O século XX constituiu como cenário fecundo da migração sulista para vários estados do país, um deles, Goiás. Com isto, hoje, o sudoeste goiano, em especial, a cidade de Jataí possui marcas históricas, geográficas e culturais notadas por meio da presença dos Centros de Tradições Gaúchas, lojas com produtos específicos, danças, eventos culturais, cultivo da terra. Assim, para compreender o presente torna-se necessário voltar ao passado e este artigo tem como objetivo analisar, por meio da Historiografia e Geografia Cultural, os vestígios migratórios na região sudoeste de Goiás durante a década de 1980, identificando as heranças destes pioneiros na atualidade. Para isto, foi realizada uma pesquisa documental - bibliográfica, agregando estudo de campo, análise de leitura de paisagens, observação de costumes e tradições a fim de compreender a espacialização bem como as marcas dos imigrantes sulistas no espaço jataiense.

**Palavras-chave:** Migração. Sulistas. Goiás. Jataí. Historiografia. Geografia Cultural.

**Abstract**: The 20th century constituted a fertile backdrop for Southern migration to various states across the country, one of them being Goiás. As a result, today, the Southwest of Goiás—particularly the city of Jataí—bears historical, geographical, and cultural marks noticeable through the presence of Centros de Tradições Gaúchas (CTG / Gaucho Tradition Centers), stores with specific products, traditional dances, cultural events, and land cultivation. Thus, to understand the present, it becomes necessary to return to the past. This article aims to analyze, through Historiography and Cultural Geography, the migratory traces in the southwest region of Goiás during the 1980s, identifying the heritage of these pioneers in the present day. To achieve this, a documentary and bibliographical research was conducted, incorporating field study, landscape reading analysis, and the observation of customs and traditions in order to understand the spatialization as well as the marks left by southern

1 Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Goiás. Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás. Especialista em Geografia, Meio Ambiente e Turismo pela Universidade Estadual de Goiás. Graduação em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás. Atualmente é professora titular de Geografia no Instituto Federal de Goiás – Campus Jataí.

2 Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Mestra em Letras: Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, graduação em Letras pela Universidade de Rio Verde. Atualmente é professora do Instituto Federal de Goiás – Campus Jataí.

A Ilustração (ISSN 2675-908X) está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

immigrants in the Jataiense space.

**Keywords**: Migration. Southerners. Goiás. Jataí. Historiography. Cultural Geography.

## Introdução

A História de um local e de um espaço é formada pelos sujeitos, compreendidos a partir de suas culturas e tradições. Tendo em vista que, "o espaço se transforma em lugar à medida que adquire definição e significado" (Tuan 2013, p.167), para Corrêa (2014) o espaço na geografia humanista é o espaço vivido. Neste sentido, as cores, sons, cheiros e ruídos representam elementos constitutivos do espaço, os quais permitirão a formação da experiência instaurada neste "espaço vivido pelas pessoas da zona estudada" (Claval, 2003, p. 158).

Em meados do século XX, muitos imigrantes chegaram ao sudoeste goiano, em especial a cidade de Jataí, motivados pelas perspectivas de uma vida melhor, com a esperança de desbravar o cerrado. Muitos, durante o período da ditadura militar, influenciados pelos incentivos oferecidos por parte de alguns governos para povoar e desenvolver o Brasil-Central, a exemplo foi instituído o Programa Marcha para o Oeste e Plano Nacional de Desenvolvimento dos Cerrados (POLOCENTRO) para tal finalidade.

Com isto, estes sulistas trouxeram sua cultura e tradição e aos poucos, por meio da lida na terra, contribuíram com a formação do espaço jataiense, desta forma, para entendermos o presente, torna-se fundamental retomar ao passado, pois somente desta forma o pesquisador poderá por meio da Historiografia e Geografia Cultural analisar a História.

Por esta razão, este artigo tem como objetivo compreender como a cultura sulista foi desenvolvida e constituída em Jataí - Goiás. Para isto, primeiramente, será necessário compreender o processo migratório sulista para Jataí, em seguida, verificar as heranças culturais existentes hoje como reflexo do ontem, para enfim, tecermos as considerações finais.

## Um olhar historigoráfico: compreendendo o processo migratório sulista para Jataí - GO

O processo de povoação da região sudoeste de Goiás pelos sulistas só poderá ser compreendido por meio do olhar historiográfico aliado à Geografia Cultural (que será abordada com maior ênfase no item 2). O termo Historiografia, em sua essência polissêmico, instaura cientificamente em 1638 com Abbagnano (1982) e a define como "a arte de escrever corretamente a História". Segundo o dicionário Houaiss (2001) significa o estudo e a descrição da História; mas para Lapa (1976) a:

> Historiografia é a análise crítica do processo de produção do conhecimento histórico e desse conhecimento, enquanto conhecimento, isto é, um conhecimento científico que se perfila pelos métodos, técnicas e leis da ciência histórica (Lapa 1976, p.15).

Assim, compreender a História regional e do local parte da concepção de espaço, Barros (2022) difere a "História Regional" da "História Local" como:

> [...] o local, a região – ou o espaço mais específico – são colocados de fato no centro da análise. Com a História Local, o lugar – ou o "local" – define efetivamente uma posição particularmente primordial na análise histórica a ser empreendida. De maneira similar, o conceito de "região" apóia a possibilidade de nos definirmos nos termos de uma "História Regional". Em vista disto, iniciaremos com uma reflexão mais precisa sobre o conceito de 'lugar', de modo a uma compreensão mais rigorosa sobre o que seria uma História Local" (sic. Barros 2022, p. 23).

Por esta razão, será abordado a História do Local e Regional com vistas a elucidar o por quê o povoamento sulista na região Sudoeste e em Jataí, para isto, para a historiografia compreender o passado é fundamental para entender o presente, neste sentido tal compreensão partirá da formação populacional no século XVIII.

A formação da população deste município foi constituída por posseiros no século XVIII, oriundos de diversas regiões do país, em especial do Sudeste e a partir de 1980 começam a chegar os primeiros sulistas (Região Sul), provenientes dos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná para iniciar o plantio da soja na região. Para Fleury, 2009):

> A história da ocupação humana do Centro-Oeste brasileiro – onde em termos de biomas há o predomínio do Cerrado – é uma história de transições, não apenas de sistemas produtivos, mas também de lógicas de utilização do espaço e relacionamento com o meio natural (Fleury, 2009, p. 01).

Segundo Simon (2023) a partir de 1880, começaram a chegar no Brasil, descendentes italianos a região sul do país, a estes foram cedidas terras para desmatamento e desenvolvimento da agropecuária no país. Então, as gerações nascidas no território nacional começaram a migrar para outras regiões, com isto, em 1910 era possível encontrar gaúchos que mudaram para Santa Catarina, Paraná.

Mas, nos primeiros anos do século XX, período marcado pelo cultivo do café, para (Cunha 2002):

> Com o avanço do complexo cafeeiro paulista, o Centro-Oeste foi palco de uma nova configuração na divisão territorial do trabalho. A lavoura cafeeira, praticada de forma extensiva, necessitava de ampla disponibilidade de terras e acabou por incorporar novas áreas. A penetração no oeste de São Paulo deu-se com a abertura de novas rotas com a construção das ferrovias. Quando o transporte ferroviário chega ao Triângulo Mineiro – última década do século XIX –, os influxos dinamizadores da economia paulista atingem a Região Centro-Oeste (Cunha 2002, p.13).

Em 1930, com o fim da República Velha e início da dinâmica da industrialização, incentivados pela ideia de acumulação de capital aliado à expansão do mercado interno, este modelo passou a ter efeitos expressivos sobre o Brasil e principalmente, no Centro-Oeste, o que conferiu na estimulação das atividades de agropecuárias da região (Cunha 2002). Tal fato, conferiu na migração de sulistas para o cerrado brasileiro (Simon 2023).

Em 1975, o governo Ernerto Geisel lançou políticas públicas para incentivar o povoamento e desenvolvimento do cerrado, foi a partir então, foi criado o Programa de Desenvolvimento do Cerrado (POLOCENTRO). Com isto, os anos de 70/80 caracterizaram em Goiás como o período de fomento agropecuário, uma vez que houve por parte do executivo federal a oferta de linhas de crédito subsidiadas para aquisição de máquinas, insumos, eletrificação rural (Machado 1996).

Por isso, a década de 1980, foi marcada por profundas mudanças nos cenários político, econômico e social no Brasil. O fim do regime militar em 1985 no Estado de Goiás e a abertura da democracia foram cruciais para reestruturar o país. Assim, em Goiás as mudanças políticas refletiram também na organização nas diversas esferas do Estado (Fleury, 2009).

Outro fator determinante na migração dos sulistas, foi a severa crise da agropecuária gaúcha que se agravou como consequência de problemas climáticos na década de 1980. A região enfrentou secas em 1985 e 1986, estas provocaram a queda da produção agrícola. Também, o Plano Cruzado congelou os preços, acarretando a estagnação dos valores pagos aos produtos produzidos. Segundo Müller (1998):

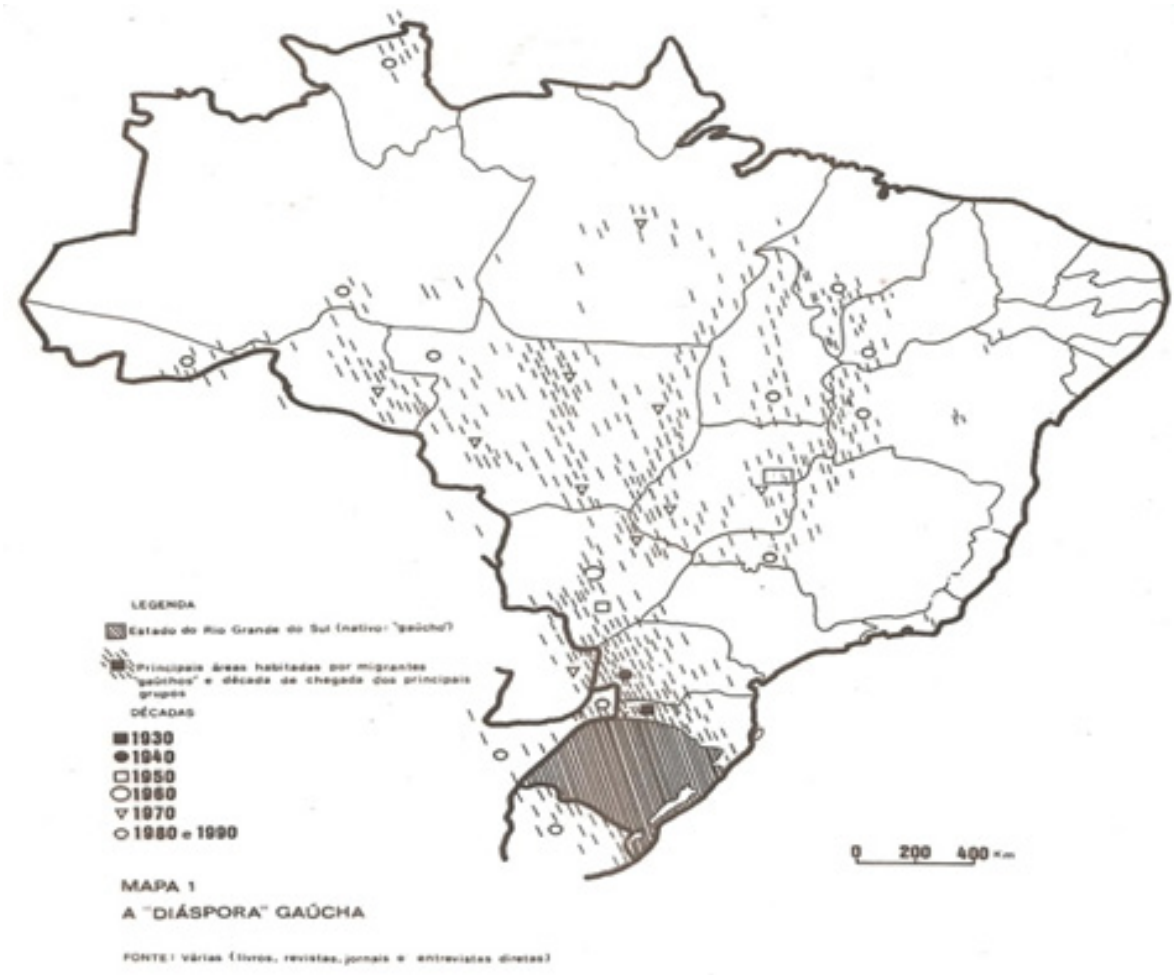
> Em meados da década de 80, havia um desalento dos gaúchos em relação à situação econômica do Estado: a produção agrícola atingira um patamar cuja superação parecia impossível, as safras oscilavam violentamente em função de fatores climáticos, a produtividade não avançava e os preços internacionais caíam. A produção industrial estava estagnada e, em virtude da conjuntura nacional, a possibilidade de atrair investimentos externos era remota. Para completar o quadro, o setor público, que nos anos anteriores injetara algum dinamismo, mergulhou na crise fiscal decorrente do desequilíbrio orçamentário e do esgotamento de sua capacidade de endividamento (Müller 1998, p.224).

Frente a um Estado endividado e incapaz de auxiliar os produtores rurais, a saída que muitos encontraram foi migrar para outras regiões do país, conforme apresenta no mapa 01. Vale ressaltar, segundo Alves (2005), o movimento migratório sulista foi nomeado de "corrente sulista", que possui ramificações em quase todo território nacional. Entretanto, a região Sudoeste de Goiás a partir da metade da década de 1970, começou a receber os primeiros sulistas. Segundo Simon (2023):

As terras do Sudoeste goiano, extremamente férteis, custavam, à época, cerca de 20 sacos de soja por hectare. Hoje, uma propriedade bem posicionada pode ter o hectare avaliado em até 500 sacos de soja ( Simon 2023,p.87).

A grande leva de sulistas, juntamente com suas famílias, influenciou a criação de cooperativas, abertura de comércio voltado para agropecuária e a produção de soja. As cinco cidades do Sudoeste goiano que receberam estes imigrantes foram: Rio Verde, Montividiu, Jataí, Mineiros e Chapadão Gaúcho, "o nome dessa última cidade deriva de um município de Mato Grosso do Sul, com o qual faz divisa, chamado Chapadão do Céu" (Simon 2023, p. 87).

Mapa 01 – Migração dos gaúchos para outras regiões do país




Fonte: A "Diáspora" Gaúcha

A cidade de Jataí faz divisa ao norte, com os municípios de Caiapônia e Serranópolis; ao sul com Mineiros, Itarumã, Caçu, Cachoeira Alta; Leste com Rio Verde e Aparecida do Rio Doce; Oeste com Perolândia.

Após a chegada dos imigrantes sulistas na região Sudoeste e em Jataí, aos poucos começaram a desenvolver a agropecuária, fortalecendo assim, a economia do Estado, como consequência cooperativas e associações começaram a ser fundadas, como exemplo disto, tem-se abaixo na figura 01 um recorte do jornal "Folha do Sudoeste" de 1989, com uma reportagem com o senhor Nelson Maggione, sulista, eleito Presidente da Associação de Pecuária e Agricultura Goiana em Jataí, na ocasião o Ministro do Estado de Goiás Iris Rezende Machado visitou a cidade celebrando a safra recorde de Goiás.

Figura 01 – Nelson Maggione, recebe o Ministro do Estado de Goiás Iris Rezende Machado para celebrar a safra recorde



Na Fazenda Aliança, Iris faz a abertura

# Nelson Maggione, o anfitrião de honra

Para Nelson Maggioni, proprietário da Fazenda Aliança, foi uma grande honra ter recebido o ministro Iris Rezende e convidados. Considerando positiva a atuação da APG, Maggioni acredita que com a explanação dos problemas que afligem a classe produtora de grãos, o Ministério da Agricultura venha assumir uma postura mais condescendente principalmente reduzindo a correção monetária para o setor bem como estabelecendo um preço mais justo para o produto, minimizando o sofrimento e angústia que o produtor rural atravessa hoje, talvez o mais penalizado setor do país.

UM PASSO A FRENTE

"Nesta data, a APG deu um passo à frente em favor da classe produtora rural", afirma Plínio Ortiz, diretor financeiro da associação. Em sua opinião, com a explanação dos principais problemas que atingem os agricultores, o ministro Iris Rezende deverá promover melhorias em amplo sentido para o setor.

Segundo Plínio, os produtores não estão contra o Ministério da Agricultura, mas sim, reivindicam com justiça uma situação mais equilibrada economicamente, pois no momento, as dívidas se avolumam e são praticamente impagáveis, à taxa em que se apresentam juros e correção monetária.

Fonte: Jornal do Sudoeste – 1989

Conforme a reportagem, a recepção ocorreu na fazenda Aliança, a qual Maggione era proprietário na época, além disso, como na ocasião foi reivindicado uma situação mais equilibrada na economia, pois muitos produtores rurais estavam endividados com taxas de juros altas, impagáveis para muitos porque havia a correção monetária.

Além da liderança no ramo agropecuário, outra herança dos sulistas residente nos dias atuais em Jataí refere cultura: danças, comidas típicas, eventos, música, esportes que será abordado na próxima sessão.

## Herança cultural sulista: o passado e o presente em Jataí – GO

Antes de ser expor as heranças culturais sulistas em Jataí, torna-se necessário compreender o que é cultura, para Cuche (2002) sua origem se instaura na França no século XIII, compreendida como uma parcela de terra cultivada, porém no século XVI significação ação de cultivar. Mas, no século XVIII para os iluministas o termo cultura era visto como soma de saberes acumulados e transmitidos pela humanidade por meio da instrução.

Entretanto, a evolução do significado de cultura ganha contornos científicos no século XIX, com Edward Tylor que a define como conjunto de conhecimentos, crenças, hábitos e costumes pelo ser humano enquanto parte de uma sociedade (Cuche 2002). Contudo, no século XX, Franz Boas a conceitua um conjunto de costumes, crenças e comportamentos complexos e singulares transmitidos historicamente por cada grupo humano (Boas 2010).

A partir da noção de cultura, pode-se compreender o processo de fixação sulista na região Sudoeste do Estado de Goiás, em especial, na cidade de Jataí graças a expansão agropecuária (gado e lavouras de milho, arroz e café). Os sulistas mesmo nascidos em outro estado, cujas tradições se diferem, não deixaram suas raízes e manifestações culturais de lado (gastronomia, músicas, danças, vestimenta, linguagem, crenças, festas, lida com a terra e plantações de diferentes espécies que são nativas da região sul), pelo contrário, trouxeram e alguns estudiosos afirmam que transferiram apenas de espacialidade, implantando seus costumes (Soares, 2021) ao espaço.

A noção de espaço remete a Corrêa (2014), para o autor representa o espaço vivido. Neste sentido, as cores, sons, cheiros e ruídos fazem referência aos elementos constitutivos do espaço, os quais permitirão a formação da experiência instaurada neste "espaço vivido pelas pessoas da zona estudada" (Claval, 2003, p. 158).

Além disso, o conceito de lugar é um dos conceitos mais importante na geografia humanista, "o espaço se transforma em lugar à medida que adquire definição e significado" (TUAN, 2013, p.167), ou seja, o lugar implica sentimento, pertencimento, o sentido lúdico de lar, a querência (lugar de origem onde sentem-se em casa).

Desta forma, o lugar, a partir da compreensão de território, passa a ser formado por indivíduos, os quais possuem valores e ideologias que vão sendo adquiridas e formadas pelos mesmos, como afirma Haesbaert (1999), estes são compreendidos pelo autor como representações simbólicas:

> Os grupos sociais podem muito bem forjar territórios em que a dimensão simbólica (como aquela promovida pelas identidades) se sobrepõe à dimensão mais concreta (como a do domínio político que faz uso de fronteiras territoriais para se fortalecer) (Haesbaert 1999, p. 171).

Assim, simbolicamente o apego ao território transforma-se em uma maneira de estabelecer viva a memória de um grupo, reforçando sua identidade por meio da cultura. Neste sentido, a presença dos sulistas em Jataí reforça esta ideia, pois mesmo distantes de sua querência procuram manter vivas os mitos e tradições.

A exemplo, durante a visita do Ministro Iris Rezende em 1989, então pré-candidato às eleições presidenciais, foi realizado um evento de recepção à moda gaúcha, o qual contou com churrasco com os espetos no chão, distribuição de chope e refrigerantes. Além disso, danças típicas foram apresentadas pelo grupo folclórico "Invernada Jovem", demonstrando a identidade cultural, na edição do mês de Julho do jornal "Folha do Sudoeste" do mesmo ano.

Antes, vale ressaltar para Hall (2026) a identidade cultural é construída a partir das relações sociais e dos significados culturais que compartilhamos. Nesse sentido, o pertencimento cultural está relacionado ao modo como os indivíduos se reconhecem em determinados grupos, tradições, valores e histórias. Entretanto, essa identidade não é fixa, pois pode se transformar ao longo da vida e conforme as experiências vivenciadas.

Figura 02 – Reportagem sobre a Presença dos gaúchos em 1989



Presença dos gaúchos

O CTG — Centro de Tradições Gaúchas Querência Goiânia, de Jataí, teve atuação destacada na solenidade, com a participação do grupo folclórico "Invernada Jovem", que apresentou danças gaúchas para o ministro e os presentes.

Farta churrascada foi servida à moda gaúcha a todos os convidados, com distribuição de chopp e refrigerantes. A festividade prolongou-se até a tarde, verdadeiro congraçamento entre produtores, empresários e autoridades municipais e estaduais.

Detalhe também digno de nota, o produtor Velci Scoppel adquiriu um veículo Chevrolet Comodoro especialmente para conduzir o ilustre visitante do aeroporto até a Fazenda Aliança.

O esquema de segurança montado pela Polícia Militar foi bastante eficiente, comandado pessoalmente pelo Tte. Cel. Sanches, (Rio Verde) Capitão Ismael (Mineiros) e Tte. Pereira (Jataí).

Mais de 2 mil produtores ouviram atentos os pronunciamentos

Fonte: Jornal Folha do Sudoeste

Segundo Santos (1997), o espaço geográfico pode ser compreendido como um território usado, possuindo uma relação estrita com os agentes formadores e influenciadores. Assim, o tempo passa a ser responsável pela reconstrução e nova organização do espaço e das formas herdadas, ou seja, é a coexistência do passado e do presente ou de um passado reconstruído no presente. A exemplo o Centro de Tradições Gaúchas Querência Goiana em Jataí hoje, foi reorganizado e reconstruído conforme fotografia 01 abaixo:

Fotografia 01 – Centro de Tradições Gaúchas Querência Goiana de Jataí hoje



Fonte: Fotografia tirada pelas autoras

Outro ponto que chama a atenção é a presença de comidas típicas nos eventos realizados em Jataí, como: arroz carreteiro, pinhão, cuca, chimarrão, churrasco. Estas são disponíveis nos eventos realizados no CTG Querência Goiana em datas comemorativas. Também, as comidas típicas representam uma cultura, assim, Montanari (2004) afirma que elas representam o caráter indissociável da cultura, neste sentido, de maneira análoga o simbolicamente revelam não somente a cultura, mas também, os costumes, a história, os modos de vida, as crenças, os tabus entre outros (Paiva, 2019).

Vale ressaltar, de acordo com Ceretta (2012) o churrasco e o chimarrão são elementos oriundos da cultura Guarani e a culinária sulista possui influência africana e europeia, para o autor a região no Noroeste do Rio Grande do Sul pode ser encontrada a herança dos Guaranis por meio da presença do chimarrão e do churrasco; na região Sul do Estado, os portugueses trouxeram os doces e as charqueadas; nos Pampas foi deixado o churrasco de costela, o cupim, o pernil de ovelha e o arroz carreteiro; enquanto que na Serra gaúcha, as presença das massas, polentas, pães, salame e doces constituem herança dos italianos e alemães.

Para Rocha (2009) outro elemento que representa a manifestação cultural de um povo/nação é a dança, esta está diretamente ligada a aspectos recreativos, festivos, religiosos, lendários e acontecimentos históricos, como: Chula, Chimarrita, Pau de Fita, Vaneirão, Milonga, Fandango, o Boi de Mamão dentre outros, geralmente estas são apresentadas em reuniões, no CTGs e/ou nos eventos típicos.

Além disso, eventos realizados como a Campeira, Semana Farroupilha, Festa do Milho, Churrascos na Brasa, Churrasco de Costela no chão em locais diversos, Noite do Vinho e Sagu, Noite de Massas entre outros eventos e festas até familiares que fazem com que a cultura sulista continue aqui em Jataí.

Para além das festas e manifestações culturais, também observou-se espaços específicos vinculados a este povo sulista, como churrascarias, smooking beers, lojas especializadas em vinhos e queijos, açougues (casas de carnes) com cortes para churrasco, stands de vendas itinerantes pela cidade, shopping com salames, vinhos, artigos em couro (conforme fotografia 02), tapetes e roupas para inverno.

Fotografia 02 – Venda de roupas em couro no shopping Jathay



Fonte: Fotografia tirada pelas autoras

Assim, os símbolos representativos culturais carregam também, a distinção entre sociedades "tradicionais" e as "modernas", Hall (2006) cita Anthony Giddens o qual afirma:

> nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente a identidade em questão e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes (Giddens, 1990, pp. 37-8).

Por esta razão, os símbolos trazem a representação da sociedade "tradicional" procura dar continuidade ao passado, rejeitando o processo de descontinuidade e a partir deste, a construção de uma nova identidade (Gyddens 1990); por esta razão, na cidade jataiense pode-se observar estabelecimentos comerciais especializados na venda de produtos sulistas, como apresentado na fotografia 03.

Fotografia 03 – Loja especializada na venda de artigos sulistas (chimarrão, cuias, ervas para tereré e chimarrão, bombas, vinhos, salames/lombo, cutelaria artesanal)




Fonte: Fotografia tirada pelas autoras

Deste modo, percebe-se que "a tradição não só resiste à mudança como pertence a um contexto no qual há, separados, poucos marcadores temporais e espaciais em cujos termos a mudança pode ter alguma forma significativa" (Giddens, 1991, p. 38).

## Considerações finais

A chegada dos sulistas no Sudoeste goiano, especificamente, em Jataí, contribuiu para a construção e formação da cidade, a querência é constantemente relembrada e vivida na arquitetura, costumes, lojas de queijos e vinhos, churrasco na brasa, danças, músicas, eventos são reflexo do passado que começou a ser instaurado a partir do incentivo governamental com o projeto de desenvolvimento no Centro- Oeste, em 1975. Com isto, inúmeros sulistas chegaram em Jataí e iniciaram o cultivo agrícola, com destaque a soja, estes foram responsáveis pela abertura de inúmeras lojas agropecuárias, abertura de cooperativa e do Centro de Tradições Gaúchas Querência Goiana. Foi visto que a herança sulista contemporânea em Jataí está presente também na arquitetura das casas que residem os imigrantes.

Assim, a construção de uma cultura fora do seu espaço original foi sendo desenvolvido em solo goiano, mesmo com a mudança, o movimentar no espaço, o sotaque continua presente na cidade, no chimarrão tomado durante todo o dia e na porta das casas. A identidade cultural reafirma-se por meio da tentativa de estabelecer, mesmo em outro espaço físico, a continuidade dos símbolos e signos tradicionais.

Graças ao resgate a geografia cultural aliado ao resgate historiográfico foi possível compreender, analisar e interpretar os acontecimentos, os documentos o passado para compreender como determinados fenômenos se desenvolveram ao longo do tempo.

## Referências

BOAS, F. A mente do ser humano primitivo. Petrópolis, Vozes, 2010.

CLAVAL, P. A Contribuição Francesa ao Desenvolvimento da Abordagem Cultural na Geografia/ Paul Claval. In: CORRÊA, LR. ROSENDAHL, Z (org). Introdução à Geografia Cultural/ Organização Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CERETTA, Caroline. Eventos de marca: evidências de valor turístico na gastronomia regional do Rio Grande do Sul/Brasil. Rosa dos Ventos, v. 4, n. 1, p. 89-99, jan./jun. 2012.

CUCHE, D. A noção de cultura nas ciências sociais. 2. Ed. Bauru/SP: EDUSC, 2002.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LAPA, José Roberto do Amaral. A História em questão: historiografia brasileira. Petrópolis: Vozes, 1976.

MONTANARI, Massimo. La comida como cultura. Trad. Silvia Flecha. Gijón (ESP): TREA, 2004.

MÜLLER, Carlos Alves. História econômica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Grande Sul, 1998.

PAIVA, Lílian; TRICÁRICO, Luciano; TOMELIN, Carlos Alberto. A Culinária Enquanto Património Local e Recurso Turístico. In: LAVANDOSKI, Joice.; BRAMBILLA, Adriana; VANZELLA, Elídio. Alimentação e cultura: Alimentação e Turismo: criatividade, experiência e patrimônio cultural. João Pessoa: Editora do CCTA, 2019, p. 111-129.

ROCHA, Clóvis. ABC das danças Gaúchas. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2009.

SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: Hucitec, v. 5, 1997.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: espaço e tempo, razão e emoção. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

Simon, Pedro. A diáspora do povo gaúcho. Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2023.

TUAN, Y. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência/ Yi-Fu Tuan; tradução: Lívia de Oliveira – Londrina: Eduel, 2013.